

PRODUÇÃO ARTÍSTICA EM MEIO A PANDEMIA E O OLHAR NEGRO NO CURTA PRELÚDIO

BÁRBARA CEZANO RODY¹; LARISSA PATRON²;

¹Nome Universidade Federal de Pelotas– barbarac.rody@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Epahey Oyà!!

Pensar o Cinema Negro Brasileiro hoje é trazer para nossas reflexões a inserção de profissionais negros no audiovisual, narrativas e olhares de uma comunidade que vivencia o racismo em diferentes esferas. E traz a arte como um dos meios de combatê-lo, propondo narrativas emergentes que contrapõe a lógica desse corpo negro não pertencente a essa nação.

Farei uma pequena retomada no processo artístico de produção do curta-metragem PRELÚDIO que produzi juntamente com a Negada Produções, e executado durante a pandemia que foi desencadeada por uma crise sanitária global causada pelo coronavírus, também conhecido como COVID-19. Neste artigo faço o convite a questionarem, quais os possíveis desafios do processo de produção de um filme em período de pandemia protagonizado por mulheres negras?

Em 2017 em sua vinda ao Brasil, a ativista e professora Angela Davis defende o poder da mulher negra na mobilização social dizendo: “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2017), mulheres negras que buscam narrar suas próprias histórias e colocam o seu olhar no centro dessas narrativas também estão se movimentando para a construção de novos olhares anti-hegemônicos.

Neste processo o olhar é um ato de resistência para nossa comunidade negra que teve seus antepassados colonizados, é um ato político que questiona as relações de poder, esse olhar crítico é descrito por bell hooks como um olhar opositor. Esta é a postura dos olhares negros nos movimentos sociais, sobretudo movimentos negros, o que influenciou e ainda influência diretamente algumas produções artísticas de pessoas negras, inclusive do cinema negro, como cita bell hooks, a respeito deste movimento nos EUA:

Quando a maioria das pessoas negras nos Estados Unidos teve a sua primeira oportunidade de assistir a filmes e à televisão, fez isso totalmente consciente de que a mídia de massa era um sistema de conhecimento e poder que reproduzia e mantinha a supremacia branca. Encarar a televisão, ou filmes comerciais, envolver-se com suas imagens, era se envolver com a negação de representação negra. Foi o olhar opositor negro que reagiu a essas relações de olhar criando o cinema negro independente. (HOOKS, 2019, pág. 217)

Refletir sobre olhares negros, com ênfase na produção audiovisual de mulheres negras brasileiras é o foco de minha pesquisa de mestrado no curso de Artes Visuais, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior (CAPES), e na busca por esses olhares, me encontrei com dois curtas.

Desse encontro surgiu a inspiração, tanto do filme ***Do que Aprendi com Minhas Mais Velhas***, de Susan Kalik e Fernanda Julia Onisajé, um documentário composto por entrevistas de yalorixás, nengua, makota, egbomi, ou seja, mulheres-de-santo que explicam um pouco dos conhecimentos que receberam dos seus mais velhos e a importância da transmissão desses conhecimentos dos mais antigos aos mais novos, conexão que une o passado, presente e futuro e um único instante enquanto se reunem e contam suas histórias.

Como também, o curta-ficcional de Mariana Luiza, chamado ***Casca de Baobá***, em que uma jovem parte de seu quilombo para seguir os estudos, deixando saudades em sua mãe que fica trabalhando e rememorando histórias de sua comunidade e para que a filha não as esqueçam, ela envia uma casca de baobá. Símbolo da memória é uma árvore antiga que guarda os conhecimentos das comunidades que envolta dela vivem, a ideia de memória e a necessidade de sua preservação demonstra valores afetivos, como também ritualístico com nossos ancestrais.

PRELÚDIO marca a passagem dessas lembranças ancestrais que carregamos e seguem presente em pequenos hábitos que temos, como também a necessidade de transformar outros hábitos que contribuem para nossa auto-destruição. O Covid pressionou a mudanças desafiadoras, muitas das quais nós ainda estamos buscando formas de melhor viver e sobreviver a elas, seja uma possível crise de padrões sócio-comportamentais, seja a crise econômica, ou a crise ambiental, de fato, “crise” se tornou uma palavra recorrente em nosso cotidiano. Taís, nossa protagonista revisita o antigo hábito de se lavar como cura, recorre a sabedoria das ervas, o seu banho é preparada com folhas de louro, uma das ervas de sua yá, sua mãe, a orixá Iansã, àgò senhora dos ventos, Eparrei Oyá! A vontade de deixar marcas de memórias que não se apagam por gerações seguem vibrando no peito. Axé!

2. METODOLOGIA

Lavar-se em ervas sagradas é buscar se limpar do que não nos serve mais mas nos é imposto, o que me faz lembrar a fala de Francisca, mãe de Maria em Casca de Baobá: “Nossa memória é igual ruína da casa grande, se a gente não cuida, o tempo despedaça”. Algumas atitudes que normalizamos na contemporaneidade podem contribuir para despedaçar nossas histórias, tais como queimadas de ecossistemas inteiros e derramamento de minérios em nossos rios.

Este momento nosso de transição, também se estende a Terra, nossa casa, na qual também temos que estar atentos, pois nos afeta diretamente. Por isso também Taís se lava, pois de alma limpa e com Ori fortalecido poderá por em prática os ensinamentos da Yalorixá Odete D’Oxum que diz a seguinte frase: “O axé é esse dar força, é ter força para dar força”, aprender com nossas mais velhas é saber que estamos preparados a estar ao lado dos nossos e desse lugar que chamamos de lar, pois o axé é ter e dar força, como demonstrado no curta de Onisajé e Kalik. Essas duas frases, retiradas dos curtas foram as principais referências de **PRELÚDIO** e o lavar foi a ação centralizadora desses aprendizados passados, retomamos esses conhecimentos para o tempo não despedaçar nossas memória e fortalecer nosso axé, e assim fortalecer os nossos.

O roteiro basicamente é, uma mulher negra em um ambiente íntimo tomando seus banhos de folha, como filha de iansã, as ervas escolhidas foram as folhas de louro. Ao se limpar, busca a cura, com o olhar convida quem assiste a buscar sua própria cura também.

Em meio aos primeiros meses de pandemia e com praticamente zero orçamento em caixa, os desafios principais eram a atriz e uma boa iluminação para que a câmera Canon T3i conseguisse alcançar uma boa performance.

Para planos sequências e movimentações de câmeras seguindo o movimento da atriz ao ser banhar, necessitava de um stand cam, como solução fiz um caseiro composto de canos de pvc's. Para solucionar a problemática da iluminação, o ambiente escolhido foi o banheiro de casa, que possui longas paredes amarelas e o box de piso branco, ao ligar o refletor a luz se difundia com facilidade dando a impressão de se tratar de um lindo dia de sol.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fato é que PRELÚDIO, enquanto curta foi um desdobramento para o meu fazer artístico que a princípio tinha como objetivo colar lambes pela ruas com as frases dos filmes referenciais ditos anteriormente, depois foram pensados em fotos que pudesse assumir os lambes nas ruas, mas por fim o roteiro baseado no universo das fotos surgiu.

As gravações para o curta ocorreram em três momentos diferentes, em que conversando com o resto da equipe, foram processos importantes para o amadurecimento do trabalho, para pensar maiores quantidades de planos detalhe, a movimentação de câmera e refizemos a captação de áudio. Desses três momentos, as filmagens da segunda tentativa se tornaram PRELÚDIO, que significa introdução para o que virá. O resto do material, ainda terá o desdobramento em um longa-metragem afro-futurista que estou escrevendo junto ao Negada Produções.

O desafio de expressar o que vê faz parte desse processo de produção, tanto pelo marcador raça e gênero, quanto o marcador financeiro. Pensar em pessoa negra sendo filmada é pensar em como captar essa imagem, dessa pele preta, e entender, por exemplo, a abertura de lente que chega a esse corpo e não deixe sua cor opaca e chapada, é pensar nos contrastes das luzes que será diferente do que em um corpo branco, um corpo hegemônico em cena.

É também atentar de que se trata do corpo de uma mulher tomando banho, ou seja, o corpo nu de uma mulher, e que sobretudo as mulheres negras foram e ainda são associadas a uma estereotipação sexual nos meios de comunicação do audiovisual, como explica Lúcia Xavier¹.

Essas dimensões só reforçam os estereótipos racistas porque, de fato, nós mulheres negras não somos valorizadas. Não estamos representadas positivamente nos meios de comunicação, não participamos dos espaços de tomada de decisão e nem compartilhamos, com igualdade, dos bens e serviços oferecidos em nossa sociedade. Podemos ser maravilhosas passistas de escola de samba, mas não podemos ser exímias cientistas. (XAVIER, 2014, p. 39)

Os planos detalhes como mãos, costas, abdomen e os olhos foram pensados para captar esse nu de forma a não objetificá-la mas evidenciando que

¹ Artigo RACISMO, CORPO, SAÚDE, REPRESENTAÇÃO, publicado no e-book Encrespando - Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a década internacional dos Afrodescendentes (ONU, 20152024)

há um espaço de intimidade em que o corpo sem roupas está seguro, e pode fazer seu ritual, nos convidando com o olhar.

Para a execução das gravações tínhamos em caixa o equivalente a 0 (zero) reais de financiamento, e como solução buscamos utilizar os equipamentos que tínhamos em mãos. Uma câmera EOS Rebel Canon T3i, uma lente 18-55mm, um refletor de 500 watts, um rebatedor-difusor circular 5x1 e um tripé, montamos o cenário com os próprios elementos da casa e no set haviam apenas três pessoas trabalhando voluntariamente.

4. CONCLUSÕES

A oportunidade de desenvolver um trabalho audiovisual independente, mesmo curto e sem recurso financeiro juntamente com outras mulheres negras, é agitar a base na qual Angela Davis nos fala e trazer em evidência o olhar opositor descrito por bell hooks. Tendo referências de outras mulheres negras nessa posição de profissional no audiovisual, que nos deixam pistas em seus trabalhos de como lidarmos com as crises e desafios que podemos enfrentar em nosso processo de produção. É o axé que precisavamos para dar imagem, som e movimento ao curta-metragem PRELÚDIO.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BERTH, Joice. **O que é Empoderamento?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação/bell hooks. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

Capítulo de livro

XAVIER, Lúcia. **Racismo, Corpo, Saúde, Representação** In: Encrespando: Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a década internacional dos Afrodescendentes (ONU, 2015-2024), Org. FLAUZINA, Ana; PIRES, Thula. Brasília: Brado Negro, 2016.

Documentos eletrônicos

CULTNE - O maior acervo digital de cultura negra da América Latina. 24 de set. 2017. Acessado em 01 de out. 2020. Oline. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cbg1g55QHoY>

Filmografia

LUIZA, Mariane. **Casca de Baobá**, 2017.

ONISAJÉ, Julia e KALIK, Susan. **O Que Aprendi Com Minhas Mais Velhas**, 2016.